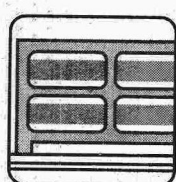


“Considerar que eu tenho um projeto falido e furado nas mãos é ridículo”

Tatiana Memória



O GLOBO — A rede de escolas convencionais tem 1,2 milhão de alunos, enquanto os Cieps, apenas 120 mil. Ou seja, só 10 por cento do total de estudantes do Estado estão sendo beneficiados com a injeção de recursos nos Cieps. O Governo não teve medo de criar com o Ciep uma rede paralela elitizada, para onde escoou os recursos?

Tatiana — Não. A gente não tem medo de criar essa rede elitizada. Ela foi criada, sim. Mas o Ciep não foi criado para permanecer indefinidamente uma rede paralela. O objetivo é, em seguida, transformar a rede de escolas já existente nessa escola nova, com o espírito dos Cieps.

Iza — Mas não há necessidade de estender o horário integral a toda a rede. Pode-se ampliar a carga para seis horas.

Tatiana — Sim. Mas nos Cieps você pode ter o horário integral. O prédio permite.

Sérgio — Eu quero pedir algo. Por favor, conversem com o Brizola para que ele não bote mais nos tijolões aqueles dados errados sobre evasão porque desmoraliza todo o projeto dos Cieps. Ele não entendeu até hoje. Ele justifica o Ciep pela evasão escolar, que não existe...

Iza — E pelo assistencialismo, o que também não é o caso.

Sérgio — Dá um jeito nesse homem.

Tatiana — Sérgio, não tem que dar jeito, não. Ele está bom demais como ele é. Não precisa dar jeito. Ele tá bom demais.

(risos)

Iza — E o prédio do Ciep, na minha opinião, pessoal, não é acolhedor. Numa escola menor, com oito salas, você se sente tão abrigada. Eu gosto da escola pequena, na qual o diretor tem o olhar sobre toda a escola.

Sérgio — Eu aceitaria uma escola menor, com um prédio mais modesto, não essa escultura.

Tatiana — Arrasar com o Programa Especial de Educação por causa do prédio, não dá.

Sérgio — O que me preocupa não é o prédio. É o dinheiro gasto no prédio.

Tatiana — Se tivessem construído outro prédio, provavelmente custaria o mesmo preço.

Iza — Olha, me desculpa, mas não custaria não.

Tatiana — Eu levantei o custo de um aluno dentro do Ciep do Estado. O único dado que eu não joguei dentro do cálculo foi a construção (a obra) e a manutenção.

Sérgio — Mas não se pode excluir do cálculo o custo de manutenção e construção do prédio. E existe uma tese na Uerj de que o custo é maior do que nas escolas regulares.

Tatiana — O custo da construção se dilui através dos anos. Ele não sai em cima do aluno no primeiro ano de utilização.

Sérgio — Claro que não. Mas tem uma metodologia para calcular isso.

Tatiana — Só que eu não fiz esse cálculo. Fiz um com os dados que eu tinha na mão. Eu só não botei o custo de manutenção, conserto do prédio, por que esse controle é feito pela Emop. É um custo que não é alto.

Iza — Ah, é caro sim. Mas se você colocar o custo de manutenção, aí o seu cálculo vai para o espaço. E para a Prefeitura tem saído caro consertar. São sempre os mesmos problemas.

Tatiana — E isso não ocorre nas escolas?

Iza — Há escolas da rede construídas há 40 anos. Cieps têm três... Desculpe, mas temos prédios escolares grandes, construídos há 30 anos, que, com uma revamp pinturam, ficam novinhos.

William de Moura



“O Rio tem 105 Cieps e 15 mil vagas não preenchidas”

Iza Locatelli

Tatiana — Só que prédios de alvenaria construídos agora são uma porcaria.

Iza — Olha, tenho aqui uma lista com problemas que se repetem nos Cieps, problemas em 32 Cieps, entregues ao município em 1992. Alguns deles foram entregues sem ligação de água, sem ligação de luz, sem equipamento de cozinha.

Sérgio — Mas o Ciep, com o controle de qualidade que é feito, não era para ter esses problemas. Eu não sei se é uma questão de concepção da obra...

Tatiana — Não é uma questão de concepção do prédio. Mas não é mesmo. Os problemas que acontecem são os mais incríveis do mundo. E são do operariotinho da construção civil.

Sérgio — O fato é que há problemas na construção e manutenção dos Cieps, problemas que não deveriam estar acontecendo. Não há quem me convença do contrário. Eu sou engenheiro de formação e sei que se pode erguer um prédio de três andares em que esses problemas não aconteçam. Se estão ocorrendo, há uma deficiência séria no controle de qualidade durante a

William de Moura



“Nós erramos. Erramos muito mas vamos corrigir”

Carmem Maria Rangel

construção. E com o dinheiro que é gasto no negócio, dá para fazer muito bem o controle. É um prédio extremamente caro.

Tatiana — Não é um prédio caro. Não é caro. É um prédio que tem uma arquitetura arrojadíssima...

Sérgio — E anti-funcional.

Tatiana — Anti-funcional não é. Eu tenho 205 funcionando muito bem.

Carmem — É funcional e bonito.

Sérgio — Muito bonito. Mas a culpa dos defeitos do prédio não é dos operários, que continuam

analfabetos como eram há 30 anos, porque as escolas não conseguem educar a população, apesar dos Cieps. Então, se eles continuam analfabetos, não é culpa deles. O problema é do controle de qualidade.

Tatiana — A mão de obra piorou barbaramente. Piorou, sim.

Sérgio — O problema nos Cieps é uma questão de engenharia e não de mão de obra. Acho que se deve abrir a discussão porque o problema é sério. E não, simplesmente, dizer mais uma vez que a culpa é do aluno, ou seja, do operário analfabeto. Não é não. Os responsáveis pelos prédios são os engenheiros.

O GLOBO — Uma pergunta não foi respondida. De onde saiu o número 500? Ele foi calculado em função de quê?

Iza — É um número cabalístico? E isso?

(risos)

Tatiana — Não. Não é em absoluto um número cabalístico.

Iza — Houve estudo de demanda de alunos para se saber onde erguer os prédios? Você sabe que há Cieps construídos onde não precisava, onde não havia e não há necessidade. Mendes, por exemplo. Precisava colocar um Ciep lá?

Tatiana — Não sei.

O GLOBO — Por que não 380? Ou 730? Ou mil?

Tatiana — Eles começaram sendo 30, só.

Iza — Mas a proposta inicial sempre foi 500, não? Sempre foi 500.

Tatiana — Não foi, não. Quando foi inaugurado o primeiro dos trinta, houve um entusiasmo enorme. Então, os trinta viraram cem. Começaram a construção dos cem. O entusiasmo foi maior, pois a construção estava rapidíssima, e se chegou à conclusão de que eram necessários mais 200 Cieps para atender à demanda...

Carmem — Agora, é preciso dizer que, se a gente atendesse a todos os pedidos de comunidades para construção de Cieps, já teríamos mais uns 200 aí.

Sérgio — É. Mas se usar esse critério, vai se espalhar campos de futebol por todo o Estado, em todas as comunidades. Isso não é critério.

Sérgio — Eu fico assustado com a falta de estatísticas da Secretaria de Educação. E não é só uma questão de não ter, mas de não querer ter. Muitas vezes pedi dados estatísticos, mas não me davam. Quando consegui, vi que aquilo não tem pé nem cabeça. Não há dados confiáveis, nem inconfiáveis. Eu não posso acreditar que um governo que quer fazer uma revolução educacional não comece simplesmente coletando dados confiáveis. Eu só posso interpretar isso como intencional.

Tatiana — Apesar de estarmos correndo atrás do tempo, nós temos os dados que são necessários neste momento. Temos o número de matrículas nos Cieps. Mas ainda não é possível avaliá-los porque ainda não têm um ano de funcionamento.

Iza — Mas os Cieps do município do Rio estavam, durante esses anos todos, funcionando...

Tatiana — Mais mal do que bem. Funcionando mal e dificilmente, para não dizer mal e porcamamente.

Iza — Era a mesma proposta e eram administrados por prefeitos do mesmo partido. Eram todos do PDT. Agora, vão dizer que não era?

Tatiana — Iza, você tem razão. Mas quem dera que, no mesmo partido, todos nós fizessemos as mesmas coisas. Para mim, bastava que todos nós, do mesmo partido, fôssemos menos egoístas, menos interesseiros, menos fisiológicos.